



O POTENCIAL EDUCATIVO DAS PEQUENAS CIDADES NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Lucas da Silva Salmeron ¹
Angela Maria Endlich ²

RESUMO

O estudo da realidade urbana é de grande relevância, tanto no meio acadêmico como também nas salas de aula, já que estudar as cidades é, também, pensá-las enquanto um lugar de formação que pode contribuir ativamente para a compreensão do espaço geográfico. Trata-se de entender a diversa realidade urbana como um todo, e não apenas as grandes metrópoles ou megalópoles. É nesse sentido que as pequenas cidades também devem fazer parte do processo de ensino-aprendizagem, pois estas realidades possuem papéis e funções específicas que merecem a atenção dos pesquisadores e dos professores em sala de aula. O presente trabalho tem por objetivo então debater as contribuições que as pequenas cidades podem trazer enquanto conteúdo da Geografia escolar, apresentando algumas reflexões acerca destas na rede urbana brasileira e de sua inserção nos debates sobre o ensino. Discute-se sua conceituação e apresenta-se uma análise de livros didáticos com intuito de averiguar se as pequenas cidades fazem parte destes materiais, seguido do apontamento de algumas possibilidades metodológicas para o trabalho com pequenas localidades. Percebe-se que ainda há algumas lacunas sobre o estudo da escala local nos livros didáticos, principalmente no que se refere às pequenas cidades brasileiras, sendo necessário então pensar em práticas docentes alternativas, para que assim se possa contemplar o estudo das pequenas cidades nas salas de aulas.

Palavras-chave: Educação Geográfica, Pequenas Cidades, Livro Didático, Metodologias de Ensino.

ABSTRACT

The study of the urban is very important, both in the academia and in classrooms, since studying cities is also think them as a place of formation that can actively contribute to the understanding of geographic space. It is about understanding the diverse urban reality as a whole, and not just the big metropolises or megalopolises. It is in this sense that small cities should also be part of the teaching-learning process, because these realities have specific roles and functions that deserve the attention of researchers and teachers in the classroom. This paper aims to discuss the contributions that small cities can bring as a content of school geography, presenting some reflections about these cities in the Brazilian urban network and their insertion in the education debates. Its conceptualization is discussed and an analysis of textbooks is presented in order to verify if small towns are part of these materials, followed by pointing out some methodological possibilities for working with small towns. It could be noticed that there are still some gaps in

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá - UEM, lucas_salmeron@hotmail.com.br;

² Professora doutora pela Universidade Estadual de Maringá; professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá – PGE-UEM amendlich@hotmail.com;



the study of the local scale in textbooks, especially in case of the small Brazilian cities, so it is necessary to think in alternative teaching practices, so the study of small cities can be contemplated in classrooms.

Keywords: Geographic Education, Small Cities, Textbook, Teaching Methodologies.

INTRODUÇÃO

Estudar a Geografia é, pois, construir um olhar geográfico sobre o espaço. Trata-se de contribuir para o desenvolvimento de um raciocínio geográfico, ou seja, permitir aos educandos lerem e interpretem o mundo e a realidade, de modo a desenvolver uma consciência espacial e cidadã sobre o meio, em suas diferentes escalas de análise.

Quando se afirma então que esta leitura do espaço deve ocorrer em suas diferentes escalas, é preciso reforçar que se trata de analisar, criticamente, desde o espaço local, aquele do cotidiano do educando; até o global, perpassando então por escalas mais amplas que inclusive possuem diversas relações com este espaço cotidiano do aluno. Logo, adotar uma ideia de que o espaço urbano (aqui enfatizado) é multifacetado e complexo, e que os alunos devem estar preparados para analisar a rede urbana em suas diferentes escalas e dimensões, é um ponto fundamental a ser considerado.

Considera-se neste trabalho com maior ênfase o caso das pequenas cidades no ensino da Geografia. Debater a inserção destas no processo de ensino e aprendizagem é, pois, fundamental, já que as pesquisas que versam sobre as pequenas localidades no ensino ainda são escassas. Pouco ainda se fala sobre como estas podem ser abordadas nas salas de aula, em especial no ensino de Geografia, que lida com diferentes temáticas como a urbanização, as relações campo e cidade, a rede urbana e uma diversidade de outros conteúdos que podem (e devem) estar associados à realidade dos estudantes.

Sendo assim, justifica-se o presente trabalho com a necessidade de debater sobre esta temática, de modo a tecer reflexões sobre o estudo das pequenas cidades nas salas de aula, os desafios da inserção destas nas aulas de Geografia, assim como suas potencialidades no ensino. O objetivo é, então, debater as contribuições que as pequenas cidades podem trazer enquanto conteúdo da Geografia escolar, considerando as especificidades destas pequenas localidades no processo de ensino e aprendizagem, apresentando algumas reflexões acerca das pequenas cidades na rede urbana brasileira e



de sua inserção nos debates sobre o ensino. O presente trabalho é resultado da pesquisa de doutorado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá (PGE-UEM)³.

Em um primeiro momento, discutir-se-á as pequenas cidades no meio acadêmico, sua conceituação, assim como a necessidade de inserir esta significativa parcela da realidade urbana brasileira nas salas de aula. Posteriormente, serão apresentados os resultados de uma análise de livros didáticos realizada, de modo a verificar se as pequenas cidades fazem parte destes materiais, seguido de algumas possibilidades metodológicas para o trabalho com pequenas localidades.

De acordo com as pesquisas realizadas até o presente momento, fica evidente que há uma lacuna sobre o estudo das pequenas cidades brasileiras no ensino de Geografia. Os livros didáticos, apesar de trabalharem com escalas geográficas mais amplas, precisam também contemplar em maiores detalhes o trabalho com a escala local, indicando algumas das possibilidades desta abordagem nestes materiais, e, certamente, cabe ao docente estabelecer os vínculos necessários entre os conteúdos destes para com o cotidiano dos educandos que habitam nestas pequenas cidades.

METODOLOGIA

Para alcançar e discutir os objetivos propostos para este trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas em materiais que versassem sobre as pequenas cidades, seus conceitos, características e ainda sobre a importância dos estudos do urbano no ensino de Geografia. Além disso, a análise de livros didáticos da referida disciplina também foi realizada, no intuito de verificar o que estes trazem (ou ainda o que não trazem) sobre as pequenas cidades ou sobre o estudo da realidade local enquanto conteúdo nestes materiais.

Procurou-se, ainda, tecer reflexões sobre as possibilidades metodológicas que podem ser realizadas nas salas de aula, de modo a inserir este estudo do espaço local, e mais especificamente das pequenas cidades, no ensino da Geografia escolar. Callai (2001) corrobora que é preciso conhecer o meio em que se vive, exercitar a crítica sobre

³ Trabalho financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



o que acontece nesta localidade e reconhecer as possibilidades alternativas para os objetivos que se deseja alcançar no aprendizado.

Assim, refletindo o caso do estudo do urbano, é preciso debater o ensino da cidade de modo que o discente possa compreender, por meio do exercício de um raciocínio geográfico, o lugar em que vive e que se estabelece as relações do cotidiano. E, para tanto, surge então a necessidade de se repensar as práticas docentes em sala de aula, para que se possa assim abordar o estudo das pequenas cidades nas aulas de Geografia. Deste modo, serão destacadas algumas metodologias e estratégias didáticas que podem ser utilizados para este tipo de trabalho.

Nesta primeira parte, será realizada uma discussão teórica a respeito das pequenas cidades, sua questão conceitual e a inserção destas no ensino de Geografia. Depois, a análise de três livros didáticos do 7º ano de Geografia será discutida, observando o que estes materiais trazem ou deixam de trazer sobre as pequenas cidades ou o estudo da realidade local.

Elegeram-se para análise os livros didáticos do 7º ano de cada uma das três diferentes coleções analisadas porque é neste volume que se verificou a rede urbana brasileira tendo um maior destaque em seus conteúdos, além também de ser nesta série que o Brasil é trabalhado em maior profundidade. Por fim, o presente texto será encerrado com a discussão de algumas das possibilidades metodológicas para o trabalho com as pequenas localidades no ensino de Geografia.

AS PEQUENAS CIDADES E O ENSINO DE GEOGRAFIA

A rede urbana brasileira, pode-se afirmar, é heterogênea e complexa, no qual diferentes realidades fazem parte do quadro urbano do país. Observa-se desde as grandes metrópoles nacionais, cidades cuja população ultrapassa a casa dos milhões de habitantes, assim como existem aquelas cujos aspectos demográficos ou territoriais são consideravelmente menores.

Contudo, importante de início ressaltar, não é apenas o tamanho da população de uma cidade, ou sua extensão territorial que importa ao se realizar uma análise do urbano brasileiro. Se há a intenção de estudar o urbano brasileiro, seja nas pesquisas



acadêmicas ou dentro das salas de aula, é preciso considerá-lo em seu todo, em suas diversas perspectivas.

Há, de fato, uma preocupação com o estudo do urbano, e isso se torna verdade tanto ao se analisar a vasta produção científica sobre o tema, assim como nos próprios currículos e planejamentos escolares em que a Geografia Urbana é contemplada. No entanto, tal preocupação, como aponta Fernandes (2018), precisa ser com o urbano na sua totalidade, também inserindo as pequenas cidades no debate, especialmente a partir dos papéis urbanos desempenhados e de sua inserção na rede de cidades. Além disso, para os educandos que habitam nestas localidades, é fundamental pensar nas vivências dos alunos para com seu espaço cotidiano.

Apesar dos avanços em buscar contemplar as pequenas localidades nas discussões acadêmicas, estas, como destaca Fresca (2010), só muito recentemente foram “redescobertas” pelos pesquisadores das diferentes áreas do saber. Sendo assim, ainda é recente o interesse pelas pequenas cidades nas pesquisas e no cenário acadêmico, no qual pesquisadores passaram a se dedicar ao estudo de sua importância, significados e de suas representações sociais, econômicas e culturais no conjunto da urbanização brasileira para além dos estudos das grandes cidades ou metrópoles nacionais.

Certamente não se trata, em nenhuma hipótese, de ignorar ou desconsiderar a importância das metrópoles ou das grandes cidades no contexto acadêmico, mas ainda é preciso ampliar os debates no que se refere às pequenas localidades que, por muito tempo, permaneceram secundarizadas no meio científico, assim como podem também passar despercebidas no processo de ensino e aprendizagem.

Afinal, o que são estas pequenas cidades sob o viés conceitual? De início, cabe destacar que conceituar uma cidade enquanto “pequena” não é um exercício fácil, visto que existem diferentes acepções sobre estas, e é preciso se perguntar: são cidades pequenas no sentido demográfico? No sentido de sua extensão territorial? Ou diz respeito a seus aspectos funcionais na rede urbana?

Moreira Junior (2014) corrobora que classificar ou atribuir uma conceituação à cidade pequena é uma tarefa difícil e complexa, e tal dificuldade se revela ainda maior quando se considera a heterogeneidade destas realidades urbanas e, principalmente, a reduzida preocupação acadêmica dada a esta temática. Ainda, acrescenta-se que não se trata de um conceito “universal”, já que em diferentes países, existem diferentes entendimentos sobre o que é uma pequena cidade.



A definição de cidade nos diferentes países é diversa e não obedece a uma regra geral e universal. Os critérios podem ser concernentes ao tamanho populacional; aspectos econômicos, funcionais e/ou infra-estruturais; serviços; político-administrativo, etc. No Brasil, por exemplo, esse parâmetro é baseado no seu sentido político-administrativo que reconhece na sede municipal a cidade de acordo com o que ficou estabelecido no Decreto-Lei número 311, de março de 1938, em seu artigo terceiro (SILVA, 2011, p. 47).

Como destaca Fresca (2013), não há no Brasil um único conceito que possa ser considerado o mais abrangente ou menos isento de críticas ao se falar sobre as pequenas localidades, pois são fortemente carregados de sentidos, tanto intelectual como do senso comum. Ainda de acordo com a autora, aceitar apenas os números para considerar uma cidade enquanto grande, média ou pequena conduz então a uma interpretação equivocada, pois estas são diferentes em sua gênese e na dinâmica econômico-social.

Grande parte das vezes, pode-se afirmar, é o aspecto demográfico que se sobressai quando se trata de conceituar uma pequena cidade, remetendo à ideia do número de habitantes de determinado município para classificá-la. Leão (2010) afirma que as estatísticas internacionais estabeleceram um marco de 20 mil habitantes, mas que “[...] vários países adotam um critério próprio também baseado em um número mínimo de habitantes a partir do qual essas aglomerações possam ser consideradas cidades” (LEÃO, 2010, p. 136-137). Logo, não há um critério único sobre o número de habitantes de uma cidade para determinar se esta é ou não considerada pequena, já que cada país adota um critério diferente.

Portanto, conceituar uma cidade enquanto pequena, média ou grande, levando em consideração apenas o seu número de habitantes, é, neste sentido, errôneo para muitos autores. Fresca (2010) aponta que utilizando-se deste caminho quantitativo para caracterizar uma cidade como sendo pequena, incorre-se no risco de igualar cidades que na sua essência são diferentes entre si, no qual o número de habitantes enquanto variável utilizada para classificá-las resultará em considerar cidades com populações similares como sendo pequenas, mas não levará em conta as especificidades de cada uma delas.

As cidades são espaços únicos e singulares. Cada qual apresenta traços e características muito diferentes uma da outra, além do fato de que todas elas possuem diferentes relações espaciais ao longo de sua história. Sendo assim, aspectos como a



historicidade, as contradições que existiram e que ainda existem e as relações internas e externas devem ser consideradas ao se analisar uma cidade.

Ao conceituar as pequenas cidades, é preciso, além dos aspectos quantitativos, e entender então os aspectos qualitativos destas cidades, sendo este um fator de suma importância. Se torna necessário considerar as relações e as influências na rede urbana na qual esta determinada cidade está inserida, bem como a formação socioespacial destas regiões (FERNANDES, 2018).

[...] a delimitação das cidades pequenas deve ir além de dados quantitativos – como os demográficos, de desenvolvimento econômico e social, entre outros –, devendo, sobretudo, considerar também os aspectos qualitativos, como por exemplo, as funções exercidas na rede urbana e a diversificação econômica (a oferta de produtos, serviços, espetáculos, etc.). Estes dizem respeito aos papéis desempenhados na rede urbana, nas características das funções e atividades urbanas desenvolvidas e na dinâmica que envolve o processo de (re) produção espacial (MOREIRA JUNIOR, 2014, p. 33).

Conceituar uma cidade pequena, portanto, exige compreender seu papel na rede urbana e as funções que desempenha neste espaço. Esta compreensão também precisa ser levada para as salas de aula. Aqui busca-se reforçar a ideia de que pesquisar e estudar o espaço destas cidades é fundamental para o desenvolvimento do educando enquanto cidadão que se reconhece e transforma estes espaços.

Como aponta Callai e Moraes (2017), é significativo discutir o ensino da cidade para que o educando possa compreender o lugar em que vive e, ainda, fazer a abstração de modo a construir conceitos, de modo a estabelecer as teorizações necessárias acerca do espaço. A educação geográfica, neste sentido, pode ser o caminho para a educar para a cidadania por meio da geografia escolar:

Estudar a cidade como o lugar de vida de todos e sendo conteúdo da geografia, pode se constituir no encaminhamento de produção de um conhecimento poderoso que, na singularidade de cada aluno e considerando o âmbito social, oportuniza compreender o mundo, sendo cidadão e produzindo a sua autonomia através do conhecimento (CALLAI; MORAES, 2017, p. 82).

Pensar as cidades sob tal perspectiva reafirma a possibilidade de se trabalhar concretamente o conteúdo cidade no ensino de Geografia, de forma a contribuir para a



compreensão da espacialidade contemporânea. Assim, a realidade local e a realidade destas pequenas localidades também devem ser abordadas no processo de ensino e aprendizagem, pois se há o desejo de que os alunos conheçam o mundo, eles precisam conhecer também criticamente a rede urbana brasileira como um todo, e não apenas parte dela.

Como já destacado anteriormente, não se trata de não estudar as grandes cidades, ou de priorizar as pequenas cidades em detrimento de outras realidades urbanas, mas de levar as pequenas cidades para o debate em sala de aula, tanto para os alunos que habitam nestas localidades como também para os discentes de médias e grandes cidades. É fundamental não tornar esta significativa parcela da rede urbana invisível nos currículos, planejamentos, materiais didáticos e nas aulas propriamente ditas.

Não contemplar as pequenas cidades é esquecer uma parte da realidade urbana. Não se deixa apenas de estudar uma parte concreta da espacialidade brasileira, como também esta falta de estudo compromete uma compreensão mais ampla da rede urbana, até mesmo das questões tratadas no domínio dos centros urbanos maiores, bem como das possibilidades de intervenção (ENDLICH, 2006, p. 31).

Por mais que nos últimos anos houve um crescimento no número de trabalhos que abordam as pequenas cidades brasileiras enquanto objeto de pesquisa, principalmente no meio acadêmico no qual diferentes pesquisas sobre estas aconteceram e ainda vem acontecendo (SALMERON; ENDLICH, 2021), ainda é escasso os debates referentes a estas no que se refere à análise das pequenas localidades sob o prisma do ensino da Geografia escolar.

No ano de 2001, Fresca afirmava que os livros didáticos escolares, em quase unanimidade, discutiam temáticas como a urbanização, a rede urbana e as cidades dando um foco especial às regiões metropolitanas e grandes cidades, atreladas às áreas de grande concentração industrial. Segundo a autora, “Quando muito, discute-se cidades históricas, cidades ‘mortas’, cidades planejadas – como algumas capitais estaduais esquecendo-se, no entanto, de numerosas e até mais antigas cidades planejadas no Oeste Paulista e no Norte do Paraná” (FRESCA, 2001, p. 27). Anos após esta constatação, ainda verifica-se que pouco se avançou nas reflexões sobre esta temática.

Neste sentido, é *mister* pensar o estudo da cidade, da realidade local e do espaço de diferentes vivências dos educandos nas salas de aula. Logo, a educação geográfica



pode desempenhar um papel fundamental neste ponto. A Geografia, enquanto disciplina presente nos currículos escolares, possui uma grande contribuição para o desenvolvimento de um raciocínio geográfico nos educandos, ou seja, é capaz de permitir os sujeitos lerem e interpretarem o mundo e a realidade, de forma a construir uma consciência espacial e cidadã sobre e no espaço.

Estudar as cidades é uma forma do aluno poder conhecer de forma crítica, por meio de um olhar geográfico, a própria realidade no qual está inserido. No entanto, este estudo da escala local muitas vezes permanece secundarizado, no qual há uma clara ausência de materiais didático e pedagógicos que abordem as especificidades desta.

O livro didático, em grande parte das vezes o único material disponível para este trabalho, nem sempre aborda este estudo da escala local. O tópico seguinte traz então a análise de alguns livros didáticos, no sentido de elucidar se há nestes materiais analisados esta preocupação em destacar o estudo do espaço local, e mais especificamente, de observar se as pequenas cidades são contempladas nestes. Ainda, apresenta algumas das possibilidades metodológicas que podem ser empregadas pelo docente, pensando então no ensino de Geografia para além dos livros didáticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – AS PEQUENAS CIDADES, OS LIVROS DIDÁTICOS E AS POTENCIALIDADES NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Considera-se aqui a análise dos livros didáticos pois estes são, muitas vezes, o material mais utilizado em sala de aula, por vezes o único material didático disponível nas escolas para o trabalho com as diferentes disciplinas presentes no currículo escolar. Tal recurso, apesar das divergentes apreciações entre autores a respeito de sua relevância, se faz presente em grande parte das escolas brasileiras, contando com programas do Governo Federal, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para sua avaliação e distribuição para as escolas em todo território nacional.

Ao se falar sobre as divergentes opiniões a respeito do livro didático, cabe a ressalva de Copati (2017), que destaca que embora este material seja considerado um importante instrumento auxiliar na aprendizagem, e, assim, de grande relevância no sistema educacional brasileiro, alguns autores se opõem a este material, pois o livro



pode vir a “moldar” o trabalho do professor, de modo a torná-lo dependente das suas propostas.

No entanto, é preciso afirmar que o livro didático deve ser considerado enquanto um suporte no processo de ensino e aprendizagem. Estes não devem ser pensados enquanto um “guia”, pronto e acabado, que deverá ser seguido pelo docente em suas aulas. Devem ser pensados enquanto um material que pode vir a trazer diferentes possibilidades para com o seu trabalho junto aos alunos nas salas de aulas. Sendo assim, precisam ser criticamente analisados pelos professores, sendo compreendidos para além de um conjunto de textos, exercícios e figuras, e, como aqui se defende, de modo a estabelecer vínculos para com o cotidiano dos educandos.

Ao se falar sobre este estudo da realidade local, no entanto, se torna evidente a falta de materiais didáticos específicos para abordá-la no meio escolar. Uma vez que os livros didáticos são elaborados segundo a visão de seus autores, sob as influências do mercado e possuindo sua distribuição em nível nacional, eles não atendem, então, às especificidades de cada região ou estado do país, e não têm conseguindo aprofundar estes debates sobre o espaço local, ou sobre as pequenas cidades, em específico.

Partindo de algumas destas problematizações, analisou-se alguns livros didáticos objetivando constatar se estes contemplam as pequenas cidades ou se estes se propõem a estabelecer relações entre seus conteúdos mais gerais e as demais escalas geográficas de análise, aqui enfatizando a escala local. De tal modo, foram analisadas três diferentes obras, tomando por base o livro didático do 7º ano de cada uma das três diferentes coleções analisadas, já que é neste volume que a rede urbana brasileira tem um maior destaque, além também de ser nesta série que o Brasil é trabalhado em maiores detalhes.

Cada um destes três materiais serão comentados a seguir, se atentando então aos seus aspectos mais gerais, como as informações trazidas nestes livros, a organização de seus conteúdos e atividades, além da questão que neste trabalho se destaca: se as pequenas cidades são contempladas e se há a preocupação em estabelecer relações para com a escala local.

O primeiro livro didático analisado é a obra “Geografia: Território e Sociedade”, dos autores Elian Alabi Lucci, Anselmo Lázaro Branco e William Fugii, publicado pela Editora Saraiva, no ano de 2018. Possui uma linguagem clara, objetiva e de fácil entendimento, não apresentando um excesso de informações em seus textos, e intercalando estes com mapas, figuras e fotografias. Portanto, se mostra adequado à



serie proposta, no qual não se percebeu textos que possam vir a ser de linguagem complexa aos discentes que estudarem o material.

No entanto, apesar da objetividade em seus texto, percebe-se que alguns destes poderiam apresentar uma maior riqueza de informações, já que grande parte das vezes estes não têm maior aprofundamento naquilo que propõe trabalhar no capítulo, no qual a criticidade é pouco presente nos textos, ficando na maior parte das vezes a cargo das atividades que são de caráter mais problematizador.

Em relação às atividades, percebe-se um misto entre algumas de caráter mais descritivo, e outras que buscam problematizar os conteúdos abordados. Nos finais dos capítulos, alguns dos exercícios são mais tradicionais, com perguntas que pedem apenas definições, para explicar algum termo, ou diferenciar determinados conceitos. Por outro lado, a obra traz diversas atividades que indagam as opiniões dos alunos, pedindo que o mesmo discorra sobre certos temas e que ele realize pesquisas, procure mais sobre as temáticas trabalhadas. São nos exercícios, inclusive, que a relação com as demais escalas geográficas de análise é colocada em prática, já que nos textos em si não há essa conexão entre as diferentes escalas.

No capítulo sobre a urbanização brasileira, em específico, logo no início do mesmo o livro apresenta uma imagem da cidade de São Paulo, e levanta duas questões: “O município onde você mora tem paisagens parecidas com a dessa fotografia de São Paulo?”; e: “Caso você não more em São Paulo, responda: No seu município existem paisagens semelhantes à da segunda fotografia? Caso more, conhece outros municípios com paisagem semelhante?” (LUCCI; BRANCO; FUGII, 2018, p. 85). É possível perceber que a pergunta remete a noção de urbano à uma grande cidade brasileira, e caso os alunos não habitem em São Paulo, questiona como é o município que o educando habita.

Caso este questionamento seja realizado a alunos de pequenas cidades, por exemplo, as diferenças entre aquilo que é retratado nas figuras do livro e o espaço local dos educandos serão grandes, sendo algo distante de seu cotidiano e não irá representar a realidade urbana destes alunos. Caberá ao professor então trabalhar com estas disparidades em suas aulas, mostrando também que a "imagem" do urbano não remete apenas ao da grande cidade.



Em relação a trazer a preocupação com a escala local no livro, percebe-se que esta aparece apenas nos exercícios e atividades que são propostas. Como se sabe, é impossível um único livro didático abordar todas as realidades urbanas de um país com dimensões continentais como o Brasil, e certamente não é isso que se espera da obra.

Porém, esperava-se que ao abordar a rede urbana, suas características e funções, que a diversidade urbana do país fosse abordada, trazendo exemplos, estabelecendo maiores relações com o espaço do educando, mas como se percebeu, pouco se fala sobre isso, não havendo menções às pequenas e médias cidades e seus papéis na rede urbana brasileira. O destaque no capítulo sobre a urbanização ficou a cargo das grandes metrópoles, e estas ainda foram abordadas em breves textos na unidade em questão.

O segundo livro analisado é intitulado “Geografia geral e do Brasil”, dos autores Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, publicado pela Editora Scipione, no ano de 2018. A obra possui um fácil entendimento, com textos breves e linguagem clara, mas também não aprofunda em maiores detalhes nas temáticas trabalhadas. O livro traz alguns textos de teor mais crítico, enquanto outros acabam sendo mais informativos, mas de modo geral, são adequados à série proposta. Seus conteúdos seguem uma ordem didática, de fácil entendimento, e com recursos visuais atrativos ao educando.

Os recursos visuais são bastante explorados, e há também diversas atividades de análise destes mapas, gráficos, tabelas, entre outros. É interessante que ao abordar alguns destes recursos visuais, o livro traz ao lado destes um box chamado “explorando a imagem/gráfico/mapa” e afins, que traz algum questionamento para que o aluno interprete e analise aquilo que está sendo ilustrado. Algumas destas atividades buscam relacionar o conhecimento prévio do aluno com os temas mais gerais tratados.

Os exercícios da obra são diversificados, contendo aqueles mais descritivos, para definir ou comparar algum conceito por exemplo, e aqueles que pedem que o aluno observe, analise e apresente suas conclusões sobre os temas abordados. De modo geral, há predominância de atividades que estimulam o aluno a pensar e ir além de descrever conceitos já prontos. São também nos exercícios que se busca então relacionar as questões trabalhadas com as experiências dos alunos, já que isso não é feito nos textos.

Na primeira página do primeiro capítulo o livro, por exemplo, é apresentado uma fotografia do Congresso Nacional em Brasília, e os autores buscam então estabelecer um diálogo entre o nacional e o espaço local do educando indagando: “Para começar, observe a fotografia. Você sabe o que é o Congresso Nacional? Você acha que



as decisões que são tomadas lá influenciam o dia a dia do município onde você vive?”. Esta seria uma oportunidade para o professor estabelecer relações entre aquilo que será trabalhado ao longo da unidade com o espaço de vivência dos discentes, de modo a estimularem os educandos a pensarem para além do que é abordado no livro didático.

O capítulo sobre o urbano, apesar de também ser bastante sintético, possui algumas passagens no qual o professor pode utilizar para estabelecer o diálogo entre os conteúdos mais gerais abordados neste capítulo e a realidade do município em que habitam ou mesmo sobre a realidade das pequenas cidades brasileiras. Ao iniciar o capítulo sobre os municípios, o livro traz duas imagens: uma de Belo Horizonte e outra de Serra da Saudade (MG) e pede para que os alunos as analise e destaquem as diferenças entre as duas imagens, e ainda que imaginem como estas diferenças influenciam no modo de vida das pessoas que habitam nestas diferentes localidades.

Explorar as fotografias e pensar estas questões juntamente aos educandos pode ser uma boa oportunidade do professor estabelecer um diálogo a respeito das diferentes realidades urbanas. O docente pode, inclusive, utilizar de imagens de cidades próximas a qual habitam, explorando fotografias de pequenas, médias e grandes cidades da rede urbana ao qual fazem parte, e explorá-las junto aos alunos de modo a compreender que o urbano não é uniforme, mas sim heterogêneo, e representado por diferentes realidades.

Há também no livro em questão um importante trecho no qual se pode discutir esta diversa realidade urbana e não apenas pensá-las apenas sob a óptica dos aspectos demográficos ou territoriais:

Os municípios brasileiros são muito diferentes entre si. A extensão e a quantidade de habitantes são alguns dos primeiros aspectos que nos ajudam a caracterizar um município. Mas, além deles, existem outros fatores relevantes, como o contexto histórico de sua formação e as atividades econômicas desenvolvidas nele. Em alguns municípios há indústrias, comércios e serviços variados; em outros, destacam-se a agricultura, a pecuária ou o turismo. Há também aqueles em que acontecem todas essas atividades (SENE; MOREIRA, 2018, p. 27).

É importante que o professor dê continuidade a este debate, já que o livro não aprofunda em maiores detalhes esta diversidade mencionada e também não cita exemplos de cidades que possuem esta relevância econômica colocada no trecho acima. Ainda, seria um momento significativo para o docente relacionar com o município em que habitam.



De modo geral o livro didático em questão também não faz menção às pequenas cidades nos textos. Alguns textos abordam e citam brevemente apenas as metrópoles brasileiras. Mas, por outro lado, há textos falando sobre a escala do município, permitindo a articulação entre estes conteúdos da escala nacional para com a realidade local, além de exercícios que instigam os alunos a pensarem sobre os mesmos.

Por fim, o último livro didático aqui analisado é a obra “Por dentro da Geografia”, de Wagner Costa Ribeiro, publicado em 2018 pela Editora Saraiva. Seus textos possuem mais informações se comparados aos outros dois livros aqui já discutidos, além de diversificar os conteúdos abordados ao longo dos capítulos. Contudo, alguns destes textos possuem uma linguagem mais científica, que, sem o auxílio do professor, seria de difícil entendimento pelo aluno, não apresentando, portanto, uma linguagem mais clara para alunos do 7º ano.

Há, por outro lado, bastante uso de figuras e mapas, sendo um livro visualmente atrativo. Observa-se que o livro apresenta diversos textos de teor mais crítico. Não se trata, pois, de compreender as regiões brasileiras na série em questão, por exemplo. Existem diversas outras situações que fazem parte do cotidiano de todos e que merecem também destaque nas aulas. Afinal, não se ensina Geografia apenas para ensinar um rol de conteúdos, mas sim desenvolver um olhar geográfico acerca da realidade e dos fenômenos que acontecem no espaço geográfico.

As atividades propostas no livro aqui discutido, contudo, deixam a desejar, pois estas são, em sua maioria, descritivas, sem muita crítica ou problematizações. Estas se limitam mais em definir, conceituar, citar ou comparar conceitos, mas pouco estimulam o aluno a pesquisar, analisar e colocar suas opiniões frente aos conteúdos que foram abordados. Seria fundamental que houvessem menos atividades descritivas e mais exercícios que propusessem aos alunos irem além dos textos do livro didático, momento este inclusive que se pode relacionar os conteúdos do livro com as vivências dos alunos.

Assim como nos demais livros, são nas atividades que a relação com a escala local acaba aparecendo. Porém, foi possível notar que maior parte das atividades, principalmente as que pediam análise de mapas apresentados, solicitavam que o aluno estabelecesse relações com o estado em que vive, sendo poucas as que estabeleciam a relação com a escala do município.

Cabe destacar que esta foi a única obra analisada que trouxe as cidades médias como conteúdo, porém, também não se menciona o caso das pequenas cidades. Todavia,



apesar de não haver um tópico específico sobre as pequenas localidades, o livro busca, brevemente, abordar esta diversidade urbana do país, como se observa na citação que segue:

As cidades apresentam variações, como de tamanho e de total de habitantes. Enquanto algumas concentram milhões de habitantes em imensas áreas, outras não totalizam 10 mil, um valor considerado pequeno. Com base nisso, o IBGE apresenta uma nova proposta de classificação territorial para o espaço urbano e rural. A densidade demográfica é o principal critério para esse novo método de representação que considera também a localização em relação aos principais centros urbanos e o tamanho da população (RIBEIRO, 2018, p. 136).

Percebe-se, então, a preocupação em destacar que o urbano brasileiro é heterogêneo, e como tal, existem diversas localidades, de diferentes aspectos demográficos, e não apenas estes devem ser considerados, como se destaca:

Para alguns geógrafos, o total de habitantes não é suficiente para classificar as cidades. Eles consideraram o papel que a cidade exerce no comando de atividades que envolvem outras cidades ao seu redor. Por isso, surgiu o termo cidades médias, que, independentemente do tamanho e de sua população, influenciam outras cidades no seu entorno por meio da oferta de serviços mais qualificados, por exemplo (RIBEIRO, 2018, p. 137).

O autor contempla, ainda que de forma breve nestes trechos, a diversidade urbana como destacado nos trechos anteriores, não havendo um tópico específico para tal temática. Portanto, como se pode concluir a respeito da referida obra, não há textos que falem sobre as pequenas cidades especificamente, mas há algumas reflexões que podem ser desenvolvidas, caso o docente se atente às questões como aqui foram abordadas.

Como se pode depreender da análise de alguns livros didáticos, a discussões referentes às pequenas cidades ainda são incipientes. Logo, alunos e professores que habitam nestas localidades, certamente, precisarão ir além daquilo que trazem estes materiais. Se reforça então a necessidade do olhar do professor de Geografia ao fazer uso destes materiais.

Assim, é necessário que o docente planeje sua aula e faça o uso do livro didático enquanto um material complementar ao seu trabalho e enquanto uma fonte de pesquisa ao aluno, e não como um guia que irá balizar o currículo ou todo seu planejamento para



a disciplina. O livro didático por si só não deve dar conta de todas as particularidades do espaço local, mas nem por isso este estudo deve ser colocado em segundo plano.

Pensando então além das atividades propostas nestes materiais didáticos, aqui serão explicitadas algumas metodologias que podem ser utilizadas para o estudo da realidade local, colocadas por Lima e Thomaz (2011). São possíveis práticas a serem empregadas ao se realizar um estudo sobre as pequenas cidades. Todavia, importante ressaltar que são diversas e variadas as atividades a serem desenvolvidas nas salas de aula, e estas devem ser eleitas conforme critério do professor. Justamente por isso, o planejamento prévio é de suma importância neste processo.

A primeira metodologia destacada é a da aula de campo. Os autores destacam que como o estudo do município enfoca espaço próximo do aluno, a saída a campo se torna uma possibilidade bastante viável. A aula de campo pode ser tanto uma visita aos principais pontos da cidade ou do município como um todo, ou mesmo uma aula em torno do quarteirão da escola para reconhecer as espécies de árvores existentes nesse espaço, por exemplo (LIMA; THOMAZ, 2011).

Entretanto, é importante lembrar que o docente deve ter o cuidado necessário para que a aula de campo não seja um simples passeio. A saída dos alunos da sala de aula deve ter objetivos claros, e a análise dos conteúdos abordados deve ser explicada agora sob o ponto de vista científico, e não mais pelo senso comum, da mera observação dos fenômenos. Não interessa, portanto, a simples enumeração de fatos observados, mas uma análise mais profunda sobre os mesmos, agora com um olhar geográfico para a realidade.

A confecção de maquetes também se mostra como uma possibilidade viável. Através da maquete o aluno tem então uma visão tridimensional de aspectos relevantes da Geografia, diferente de analisar apenas as formas planas do que se deseja representar. Trata-se de uma representação para a qual é preciso antes uma atenta observação. Portanto, não só o resultado, mas o processo de elaboração possibilitará o estímulo a reflexão acerca da realidade. A maquete pode representar uma região, uma cidade, um bairro, a escola, ou seja, existem diferentes modos de se representar a realidade por meio de um modelo tridimensional.

Os autores destacam ainda as entrevistas enquanto uma possibilidade de atividade a ser desenvolvida ao se estudar aspectos da escala local, pois pode ser de fácil aplicação e apresentar resultados que permitem uma ampla análise do que se pretende



estudar. Lima e Thomaz (2011, p. 11) utilizam de um exemplo de atividade com as entrevistas: “[...] se o conteúdo que está sendo trabalhado no momento é espaço cultural, pode-se entrevistar moradores mais antigos da cidade para que descrevam as transformações que o espaço do município vem passando”.

Acrescentamos que assim como o exemplo de entrevistas com moradores mais antigos da cidade, diversas outras possibilidades poderiam ser realizadas, desde que tal atividade aconteça com a devida orientação de um professor, pois uma entrevista não é um simples rol de perguntas a serem feitas para quem se deseja entrevistar, mas deve ir além e ter objetivos claros e concisos.

Lima e Thomaz (2011) colocam ainda a importância do trabalho com mapas e cartas, que se constituem como ferramentas indispensáveis nas aulas de geografia. A partir dessas ferramentas que o aluno aprende a se localizar espacialmente, tanto na sua rua, no seu bairro, na sua cidade, estado ou mesmo em outras escalas. Acrescentamos aqui a importância que os atlas municipais podem ter neste processo de ensinar pelos mapas, cuja grande contribuição está justamente nesta possibilidade dos educandos compreenderem o seu próprio espaço local, a partir de uma série de mapas e informações sobre o local em que habitam.

A proposta de utilizar dos atlas escolares municipais vem para suprir esta necessidade de um material específico que contemple o local de vivência dos educandos, de modo a levar os mesmos a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que eles vivenciam, como parte da história social. A perspectiva de responder às perguntas “onde” e “por que nesse lugar”, demonstra então a especificidade da Geografia contida nesses materiais, que vai além de simplesmente localização, mas sim buscar a significação dos lugares (SILVA; COMPIANI, 2005).

Porém, nem todo município brasileiro possui um atlas municipal que pode ser utilizado no processo de ensino/aprendizagem, e este é o caso de grande parte das pequenas cidades brasileiras. Assim, se desponta a possibilidade da construção de um atlas municipal escolar em conjunto com os alunos, enquanto atores partícipes da elaboração deste complexo material, mas que é de grande relevância para a compreensão do seu espaço (SALMERON; ENDLICH, 2021).

Estas são apenas algumas das ricas possibilidades que podem ser empregadas nas aulas de Geografia, que, além de ajudar nesta compreensão do espaço local, contribuem também para uma aula diferenciada, que se distancia da simples cópia de



atividades do livro didático, por exemplo, e busca então inovar nas metodologias utilizadas em sala de aula e contribuir para um ensino mais significativo. É *mister*, portanto, o professor avaliar como estes encaminhamentos podem ser realizados, a realidade do local em que atua e quais as condições para desenvolver alguma metodologia em específico, tendo sempre com clareza quais são os objetivos intrínsecos às práticas que deseja adotar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar o estudo das pequenas cidades e da realidade local é cada vez mais necessário nas salas de aula, especialmente no que aqui se refere à Geografia enquanto disciplina escolar. Não apenas para que o aluno possa compreender os aspectos da sua localidade em si, mas para a compreensão de quais são as relações que se estabelecem entre este seu lugar de vivência com as demais escalas geográficas, e, fundamentalmente, para se entender como cidadão deste que atua no espaço geográfico.

Estudar Geografia é, pois, estimular um raciocínio geográfico, pensar o espaço geograficamente, e quando se fala em pensar o espaço, não se trata de pensar apenas uma parcela deste que recebe maior destaque nos livros, na mídia, e assim por diante. É também pensar criticamente o espaço de vivência, do cotidiano, estabelecendo o diálogo com as demais dimensões do espaço geográfico como um todo.

Ao aqui realizar uma análise de alguns livros didáticos, ficou evidente que há uma lacuna sobre o estudo da escala local nestes materiais, e em específico sobre as pequenas cidades brasileiras. Como se sabe, não é possível contemplar todos os 5.570 municípios em um livro didático, e nem é isso que se espera destes materiais. Por outro lado, pouco se fala sobre esta escala geográfica nestes, além do fato de que muitas vezes não existe nenhum outro material disponível nestas localidades para se trabalhar então com o espaço local.

Neste sentido, é preciso (re)pensar práticas docentes nas salas de aula, para que assim se possa abordar o estudo das pequenas cidades nas aulas. É imprescindível que o professor de Geografia se proponha a ir além dos conteúdos que estão colocados nos livros didáticos e nos seus planejamentos. Certamente, tal prática exige pesquisas, ideias e diferentes possibilidades que os docentes possam vir a adotar.



Todavia, enfatizam Callai e Moraes (2017), a educação geográfica pode ser o caminho para educar para a cidadania por meio da Geografia escolar. Logo, deve ser claro que ao se abordar as temáticas aqui colocadas em debate, nunca se deve perder de vista que um dos pilares disso tudo isso, que é a construção da formação cidadã dos educandos. Trata-se, pois, de permitir que os discentes se entendam como sujeitos que, possuindo seus direitos e seus deveres, participam ativamente da construção do seu espaço.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à CAPES, cujo presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola? Muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, nº 16, p. 133-152, 2001. Disponível em: <<http://agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/viewFile/353/335>> Acesso em: Ago. 2020.

CALLAI, Helena Copetti; MORAES, Maristela Maria. Educação geográfica, cidadania e cidade. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial, p. 82-100, 2017. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/actageo/article/view/4771>> Acesso em: Ago. 2020.

COPATI, Carina. Livro didático de geografia: da produção ao uso em sala de aula. **Élisée, Rev. Geo. UEG**, Porangatu, v.6, n.2, p.74-93, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/6634>> Acesso em: abr. 2021.

ENDLICH, Angela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no Noroeste do Paraná**. 2006. 505 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. 2006.

FERNANDES, Pedro Henrique Carvenalli. O urbano brasileiro a partir das pequenas cidades. **Revista Eletrônica Georaguaia**, Barra do Garças, v.8, n.1, p. 13 - 31. Jan./Jun. 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/6981>> Acesso em Nov. 2019.

FRESCA, Tânia Maria. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator**, Fortaleza, número especial, p. 75 a 81. Dez. 2010. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/398>> Acesso em: Mar. 2020.



FRESCA, Tânia Maria. O papel das pequenas cidades na rede urbana paranaense. *In*: BOVO, Marcos Clair; TÖWS, Ricardo Luiz; COSTA, Fabio Rodrigues (Orgs). **Estudos urbanos em perspectivas: reflexões, escalas e desafios**. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2013. Cap. 1, p. 13-26.

FRESCA, Tânia, Maria. Em defesa dos estudos das cidades pequenas no ensino de Geografia. **Geografia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 27-34, jan./jun. de 2001. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/viewFile/10212/9028>> Acesso em: Nov. 2019.

LEÃO, Carla de Souza. Reflexões sobre o desenvolvimento e as pequenas cidades: análise das cidades de Dracena e Ouro Verde-SP. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, vol.1, n.32, , p.135-153, jan/jun. 2010.

LIMA, Janete Aparecida de; THOMAZ, Sérgio Luiz. **O estudo do lugar e a formação do aluno cidadão**. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: produções didático pedagógica, 2008. Curitiba: SEED/PR., v. 2, 2011. (Caderno PDE).

LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Alselmo Lázaro; FUGII, William. **Geografia: Território e Sociedade**, 7 ano. 1º ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. **As cidades pequenas na região metropolitana de Campinas-SP: dinâmica demográfica, papéis urbanos e (re) produção do espaço**. 2014. 324 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.

RIBEIRO, Wagner Costa. **Por dentro da Geografia: 7º ano**. 4º ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

SALMERON, Lucas da Silva; ENDLICH, Angela Maria. As pequenas cidades e o ensino de Geografia: uma aproximação necessária. **Geomae**, Campo Mourão, v.12, n.especial Sinapeq, p.565-582, 2021.

SALMERON, Lucas da Silva; ENDLICH, Angela Maria. Uma contribuição ao estado da arte sobre o estudo das pequenas cidades nos programas de pós-graduação em Geografia. **Geoinfá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia Maringá**, v. 13, n. 2, p. 135-159, 2021.

SENE, Eustáquio; MOREIRA, João Carlos. **Geografia Geral e do Brasil: 7º ano**. 1º ed. São Paulo: Scipione, 2018.

SILVA, Paulo Fernando Jurado. **Cidades pequenas e indústria: contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente-SP**. 2011. 285 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.